

CORONAVÍRUS, MEDICAMENTOS E *FAKE NEWS*: UMA COMBINAÇÃO DE RISCO À SAÚDE

Dyego Carlos Souza Anacleto de Araújo • Alessandra Rezende Mesquita
Divaldo Pereira de Lyra Júnior

Nem tudo que reluz é ouro, nem toda informação postada no *whatsapp* é verdadeira. Nos últimos anos, o acesso à *internet* tem permitido que informações, de variados assuntos, alcancem grande número de pessoas no mundo todo em fração de segundos. Mais recentemente, dezenas de mensagens sobre a pandemia do novo coronavírus (Covid-19) são recebidas em grupos de família, amigos e colegas de trabalho. De receitas absurdas de como fazer o álcool em gel caseiro, a artigos científicos em inglês, notas técnicas oficiais do Ministério da Saúde ou Organização Mundial de Saúde, é muito difícil para o público em geral distinguir o que é verdade ou *fake news*.

O termo "*fake News*" é utilizado para se referir a informações falsas que são divulgadas, principalmente, nos meios de comunicação e nas redes sociais. Na área da Saúde, *fake news* se tornam ainda mais prejudiciais por induzirem adoção de práticas de diagnóstico, prevenção ou tratamento inadequadas, que dão a sensação enganosa de segurança. A velocidade de disseminação dessas informações equivocadas ou mal intencionadas, bem como sua aceitação como "verdade" pela população, preocupa profissionais e gestores de Saúde, especialmente quando se refere ao uso de medicamentos.

Mais recentemente, a busca por vacinas e medicamentos para prevenção ou tratamento do Covid-19 iniciou grande corrida contra o tempo, desde que este novo vírus se tornou um problema de saúde pública global. Governos, universidades e pesquisadores de todo o mundo têm se dedicado ao desenvolvimento de substâncias ativas contra o Covid-19. Apesar da necessidade e urgência, medicamentos não surgem com passes de mágica. O planejamento e resultados das pesquisas científicas precisam ser divulgados e analisados criticamente com clareza, cautela e responsabilidade, a fim de promover o uso racional de medicamentos e garantir a segurança da população. Em outras palavras, tão importante quanto ter a informação científica confiável, é saber usá-la adequadamente.

Um exemplo prático, estudos recentes indicam que a hidroxicloroquina e cloroquina, medicamentos originalmente utilizados para o tratamento da malária, lúpus eritematoso e artrite estão sendo testadas para o tratamento da infecção pelo novo coronavírus. Embora resultados positivos de estudos preliminares tenham trazido esperanças ao mundo, as pesquisas apresentavam fragilidades, com pouquíssimos pacientes e sem capacidade de gerar evidências clínicas robustas, capazes de indicar a efetividade real desta alternativa terapêutica. Entretanto, diversas *fake news* circularam nas redes sociais, especialmente em grupos de *whatsapp*, gerando uma corrida irracional e desenfreada por esses medicamentos nas farmácias, o que gerou desabastecimento, colocando em risco o tratamento de pacientes com malária, lúpus ou artrite reumatoide.

Na maioria das vezes, o que a população ignora é que todos os medicamentos, sem exceção, podem causar danos. Portanto, qualquer notícia de medicamento milagroso para a cura do Covid-19 ou qualquer outra doença é no mínimo suspeita. No caso da hidroxicloroquina e cloroquina, além de não haver resultados conclusivos frente à doença, pessoas que não precisam desses medicamentos podem experimentar efeitos colaterais como cefaleia, vômitos, diar-

reia, urticária, erupções na pele, episódios psicóticos, convulsões, hipertensão arterial, depressão, arritmias cardíacas e distúrbios visuais.

Não há dúvidas que os medicamentos são importantes para prevenção e recuperação da saúde, mas seu uso, sem pesquisas com mérito científico e as devidas orientações rotineiras de médicos e farmacêuticos, é perigoso. Nas palavras de Paracelso, médico e farmacêutico do século XVI, “*a diferença entre o remédio e o veneno é a dose*”. Assim, a busca apressada por possíveis soluções pouco testadas podem causar muito mais prejuízos que benefícios.

Infelizmente, ainda vai levar tempo até que esteja disponível uma vacina e/ou tratamento seguro e efetivo para o Covid-19. O que podemos fazer enquanto isso? Prevenir-se, por meio da confirmação da veracidade das informações que recebemos, pois somos corresponsáveis pelo seu compartilhamento nos grupos de família, amigos e colegas de trabalho. Em tempos de pandemia, mais do que nunca, ciência e comunicação devem caminhar lado a lado, o conhecimento científico que não é divulgado não serve à sociedade, mas o conhecimento sem fundamentos pode ser deletério e deve ser evitado. Portanto, seja responsável, não compartilhe *fake news* e siga as recomendações que se baseiam em pesquisas científicas rigorosas e confiáveis, como as realizadas pelos Programas de Pós-Graduação da Universidade Federal de Sergipe, bem como nos órgãos sanitários oficiais e de profissionais de saúde. Somente assim, poderemos superar todas as dificuldades causadas pela pandemia do coronavírus, fazendo o melhor uso das tecnologias da informação e da comunicação a consciência tranquila.